

TRATADO
DA
CONFORMIDADE COM
A VONTADE DE DEUS

COMPOSTO POR

S. Affonso de Liguori

E PUBLICADO NA LINGUA PORTUGUEZA PELO

Rev. Padre Thomaz Hurst

*Do Collegio de S. Pedro e S. Paulo
dos Missionarios Inglezes*



† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com,br>

NICTHEROY
Escola Typ. Salesiana
1818

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE DIOCESANA

CONFORMIDADE

COM

A VONTADE DE DEUS

I.

Toda a nossa perfeição consiste em amar ao nosso amabilissimo Deus. « A caridade é o vinculo da perfeição. » (*Coloss. III. 14.*)

E toda a perfeição do amor de Deus, consiste em unir a nossa vontade com a sua santissima vontade. « O principal effeito do amor diz S. Dionysio (*De Div. Nom. C. 4.*), é unir a vontade daquelles que se amam de maneira, que se torne uma e a mesma vontade. » Por conseguinte quanto mais uma pessoa está unida com a vontade divina maior será o seu amor. Penitencias, meditações, communhões e obras de caridade, praticadas para com o nosso proximo, são de certo agradaveis a Deus, mas quando? quando estas obras são feitas em conformidade com a sua vontade, mas, quando ellas não se praticam pela vontade de Deus, não só lhe são desagradaveis, mas odiosas

e merecedoras unicamente de castigo. Se um amo tivesse dous creados, dos quaes um trabalhando todo o dia, mas conforme a sua vontade, e o outro trabalhando á vontade de seu amo, seguramente o amo estimaria mais o segundo do que o primeiro. Como podem nossas acções promover a gloria de Deus, senão forem conformes ao seu divino agrado? « O Senhor, disse o Propheta a Saul, não deseja sacrificios, mas obediencia á sua vontade: acaso pede o Senhor holocaustos e victimas, e não obediencia á sua voz? (*1 dos Reis, XV. 22, 23.*)

Aquelle que trabalha segundo a sua propria vontade, e não conforme a vontade de Deus, commette uma especie de idolatria, porque em lugar de adorar a vontade divina, adora de alguma maneira a sua propria.

A maior gloria pois que nós podemos dar a Deus, é cumprir sua bemdita vontade em tudo. O nosso Redemptor, que baixou dos Céos á terra para promover a divina gloria, cumprindo com a divina vontade, veio principalmente ensinar-nos a assim o praticarmos, pelo seu mesmo exemplo. Escutemol-o, como S. Paulo nol-o descreve, fallando ao seu Eterno Pae: Vós não tendes querido sacrificio nem oblação, porém haveis-me dado um corpo... Então eu disse, eis-me aqui ó Deus,

para fazer a vossa vontade.» (*Heb. X. 5. 9.*)
Vós tendes recusado as victimas que os
homens vos tem offerecido, e me ordenastes
sacrificasse o corpo que me haveis dado,
eis-me prompto a fazer a vossa vontade.
E elle repetidas vezes declara, que não
veiu fazer a sua vontade, mas sim a de seu
Eterno Pae: « Eu descí do Céu, não para
fazer a minha vontade, mas sim para cum-
prir a daquelle que me enviou. » (*S. João.*
VI.) E nisto, desejava Elle, que o mundo
conhecesse o amor que tinha a seu Pae,
na sua obediencia á sua vontade, a qual
era que Elle fosse crucificado sobre uma
cruz para salvação do genero humano: por
isso, quando o Senhor se adiantou a encon-
trar seus inimigos, no horto de Gethesemani,
que vinham para o prender e matar, Elle
disse: « Eu me entrego ao seu furor, para
que o mundo veja que eu amo a meu Pae:
e que cumpro o que meu Pae me tem or-
denado: levantai-vos pois e vamos daqui.»
(*S. João XIV. 31.*) É desta maneira cum-
prindo, com a divina vontade, Elle disse
que conhecia quem era seu irmão: « Aquelle
que fizer a vontade de meu Pae, que está
no Céu, esse é meu irmão.» (*S. Matheus*
XII. 50.)

II.

Tem sido sempre este o fim que os Santos todos tem levado em vista: a conformidade com a vontade de Deus, conhecendo muito bem, que nisto consistia a pureza da alma. O beato Henrique Suso, disse: « Deus não quer que nos abundemos em luzes espirituaes, mas sim que em tudo nos conformemos com a sua divina vontade.» E Santa Thereza: « Tudo o que se deve procurar no exercicio da oração, é a conformidade da nossa vontade com a vontade divina, tendo por certo, que nisto consiste a maior perfeição. Aquelle que fôr mais superior nesta pratica, receberá maiores mercês de Deus, e fará os maiores progressos no caminho da perfeição.» A Beata Stephania de Soncino, religiosa da Ordem de S. Domingos, sendo arrebatada em espirito e levada ao Céu em uma visão, viu algumas pessoas que conhecia, e que tinham morrido, collocadas entre os Seraphins, e lhe foi dito que tinhão sido exaltadas a tão alto gráo de gloria, em consequencia de sua conformidade com a vontade de Deus, em quanto estiveram sobre a terra: e o beato Suso, que acima mencionámos, fallando de si mesmo, exclama: « Eu antes queria ser o mais vil insecto que se arrasta pela terra,

pela vontade de Deus, do que ser um Seraphim pela minha vontade. Nós devemos neste mundo aprender dos Santos, que estão no Céu, a maneira de amar a Deus. O amor e puro e perfeito que os Bemaventurados no Céu tem para com Deus, consiste em uma perfeita união da sua á divina vontade. Se os Seraphins entendessem ser esta vontade, que elles levantassem montes de arêa sobre as praias do mar, por toda a eternidade, ou que arrancassem herba nos jardins, elles o fariam com o maior prazer e gosto. E mais ainda: se Deus lhes significasse que seriam queimados no fogo do inferno, elles desceriam immediatamente ao abysmo, para cumprir a vontade divina. E é o que Jesus Christo nos ensina a pedir, que se faça a vontade de Deus na terra, como os Santos o fazem no Céu. (*S. Math. VI. 10.*) Nosso Senhor chama a David « um homem segundo o meu coração, porque cumpriu todas as minhas vontades; » (*Actos, XIII. 22.*

David sempre estava prompto a abraçar a divina vontade, como elle mesms declara. « O meu coração está prompto, oh! meu Deus, o meu coração está prompto. » (*Ps. LVI. 8.*) E tudo quanto elle pedia ao Senhor, era que lhe ensinasse a cumprir a sua divina vontade: « Ensinae-me a fazer a Vossa Vontade. (*CXLII. 10.*)

Um acto de perfeita uniformidade com a vontade divina, basta para constituir um Santo. Veja-se S. Paulo: no tempo em que era o perseguidor da Igreja, foi illuminado e convertido por Jesus Christo: e depois como procedeu? que disse? Tudo quanto fez foi offerecer-se á divina vontade, dizendo: « Senhor, que quereis vós que eu faça? » (*Act. LX. 6.*) E o Senhor lhe declarou, que seria um vaso de eleição e o Apostolo dos gentios. » (*Actos IX. 15.*) Aquelle que entrega a Deus a sua vontade, entrega-lhe tudo. Quem dá seus bens em esmolas, seu corpo ás disciplinas, e seu alimento ao jejum dá uma parte do que possui: mas aquelle que entrega a Deus a sua vontade, dá tudo, e póde dizer: « Senhor eu sou pobre, mas eu vos dou tudo quanto possuo, dando-vos a minha vontade, e nada mais tenho que vos dar. »

E' isto só que Deus espera de nós: « Filho, diz Elle a cada um de nós, da-me o teu coração. » (*Prov. XXIII. 26.*) isto é, a tua vontade; nós, diz Santo Agostinho, não podemos offerecer a Deus cousa que mais agradavel lhe seja, que dizer-lhe: « Senhor, tomae posse de nós: nós vos entregamos a nossa vontade, fazei-nos saber o que exigis de nós, o nós o cumpriremos. »

Se pois queremos dar um grande prazer a Deus, devemos conformar-nos com a sua

divina vontade; mas não só conformar-nos, porém unirmo-nos aos seus mandados: conformidade, expressa a união da nossa com a vontade de Deus; mas uniformidade quer dizer mais, quer que a vontade divina e a nossa seja uma só: de maneira que não devemos desejar, senão o que Deus deseja e quer. E' esta a maior perfeição á qual devemos aspirar: este deve ser o objecto de todas as nossas acções, de todos os nossos desejos, meditações e orações. Para isto devemos pedir o soccorro do nosso Anjo da guarda e Santos, nossos advogados, e sobretudo a protecção da Santissima Mãe de Deus, a qual é a mais perfeita entre todos os Santos, e porque foi quem mais perfeitamente abraçou a vontade divina em todas as occasiões.

III.

Porém o grande ponto é abraçar a vontade divina em tudo quanto acontece, seja agradável ou desagradável ás nossas inclinações. Nas cousas agradáveis, os mesmos peccadores se conformam com a vontade de Deus, porém os Santos unem-se á vontade *divina, mesmo quando são desagradáveis e contra o amor proprio*. Nisto se prova o nosso amor para com Deus. O padre João

d'Avila, dizia: « Uma acção de graças no tempo da tribulação vale mais que mil actos de agradecimento no tempo em que tudo nos prospera. »

Demais, nós não só devemos unir-nos á divina vontade nas adversidades que directamente nos vem de Deus, como a doença, a desolação do espirito, a pobreza e a morte de nossos parentes, mas tambem nos casos promovidos pelas creaturas, assim como o desprezo, a perda da reputação, a injustiça os roubos e todas as mais perseguições. Devemos attender, quando soffremos injurias na nossa reputação, honra ou bens, que nosso Senhor não deseja o peccado, que os outros commettem, mas sim a nossa humilhação, pobreza e mortificação. E' certo e de boa fé, que tudo quanto acontece no mundo é por permissão divina : « Eu sou o Senhor, fóra de mim não ha outro sou o Senhor que faço todas as cousas » (*Isaias XLI. 7.*) Do Senhor nos vem os bens e os males, porque nos são contrarios, mas que realmente são para nós bens, quando os accetamos de suas mãos : diz o propheta Amos : « Haverá mal em alguma cidade, que o Senhor não tenha feito? » (*III. 6.*) e Salomão diz : « O bem e o mal, a vida, a morte, a pobreza e a riqueza de Deus nos provém. » (*Ecel. XI. 14.*) E' certo,

conforme o que eu tenho dito, que quando o homem vos offeude, não é esta offensa desejada por Deus, nem Elle concorre na malicia de sua vontade, mas concorre pelo concurso geral das acções materiaes que vos affligem, envergonham ou injuriam, de maneira que a offensa recebida, é sem duvida permittida por Deus, e vem de sua mão. Assim o Senhor o disse a David, que Elle seria o autor das injurias que havia de receber de Absalão: « Levantarei males contra ti, que procederão
« de tua propria casa; tirar-te-hei tuas mu-
« lheres diante de teus olhos, e isto em cas-
« tigo dos teus peccados. » (2 *dos Reis XII.* 11,) Tambem disse aos Hebreos que, em consequencia de suas iniquidades, lhes mandaria os Assyrios para os despojarem e arruinarem. « Ai do Assyrio, elle é a vara e a espada da minha ira..... Eu o mandarei para os despojar, » (*Is. X. 5.* (6 Santo Agostinho assim explica isto: a impiedade dos Assyrios foi a espada de Deus, para castigo dos Hebreos. É o mesmo J. Christo disse a S. Pedro, que a sua morte e paixão não proveria tanto dos homens, como da vontade de seu Eterno Pai: « Não beberei Eu o calix que o Pai me deu? » (*S. João. XVIII. 11.*)

Quando o mensageiro (o qual se julga ter sido o diabo) veiu dizer a Job, que os Sa-

beanos, lhe tinham tirado os seus bens e morto os seus filhos, que respondeu o Santo homem? « O Senhor os deu, e o Senhor os levou. » (J. 21.) Elle não disse: « o Senhor deu-me filhos e bens, e os Sabeanos tudo me tiraram, mas sim: o Senhor m'os deu e o Senhor m'os levou »; porque elle bem sabia que a sua perda fôra permittida pelo Omnipotente, e depois accrescentou: « Assim como foi do agrado do Senhor, assim se fez: bendito seja o nome do Senhor. » Não devemos portanto receber nossos infortunios, como da mão do acaso ou da malicia dos homens, mas devemos estar persuadidos que tudo quanto nos acontece, é pela vontade de Deus. « Conhececi, diz Santo Agostinho, que tudo quanto no mundo vos succede é pela vontade de Deus, ainda que seja contrario á vossa. »

IV.

Epitecto e Atho (*Ros. L. 1.*) dous Bemaventurados Martyres de Jesus Christo, quando soffreram o tormento, queimados com fachos por ordem do tyranno, e dilacerados com ganchos de ferro, disseram sómente: « Senhor, seja feita em nós a vossa vontade. « E quando chegaram ao lugar da execução,

exclamaram em altas vozes: « Bemdito sejaes, ó Deus Eterno, porque a vossa vontade se cumpriu amplamente em nós. » Cesario relata (*Liv. 10, Cap. 6.*) que certo religioso, que ainda que exteriormente não era differente dos mais, tinha comtudo chegado a um tal gráo de santidade, que pelo mero toque de seus habitos, curava aquelles que estavam doentes. O Superior admirado disto, perguntou-lhe como fazia elle estes milagres, não vivendo mais exemplarmente do que os outros: ao que o religioso respondeu que tambem se admirava, e não sabia a razão disso: mas quaes são as vossas devoções? lhe tornou o abbade. O bom religioso replicou, que poucas eram, ou para melhor dizer, nenhuma, mas que sempre tinha cuidado de entregar a sua vontade á vontade de Deus, e que nosso Senhor lhe havia concedido a graça de abandonar inteiramente a sua vontade á divina « A prosperidade não me eleva, nem a adversidade me abate, porque eu tudo recebo como vindo da mão de Deus, e para este fim dirijo todas as minhas preces, para que a sua vontade se cumpra perfeitamente em mim. » O Superior lhe replicou: « Não vos resentistes vós hontem contra o inimigo, que tanto nos prejudicou, roubando-nos os nossos mantimentos, e lançando-nos o fogo na nossa propriedade, destruindo-nos o nosso

gado e a nossa seára? Não, foi a sua resposta, pelo contrario, dei graças a Deus como costume fazer em iguaes desgraças; conhecendo que Deus faz ou permite tudo para a sua maior gloria e nosso maior bem; e por esta razão sempre estou contente, succeda o que succeder. » Ouvindo isto o abbade, e veudo-o em tanta uniformidade com a vontade divina, não se admirou mais de que elle fizesse milagres. Aquelle que assim fazer não só vem a ser um grande Santo, mas goza de uma paz perpetua.

Affonso o grande, rei de Aragão, principe o mais sabio, perguntando-se-lhe quem pensava elle que era o homem mas feliz, respondeu « aquelle que em tudo se conforma com a divina vontade, e que recebe os bens e os males como se viessem das mãos de Deus. » Aquelles que amam a Deus, todas as cousas concorrem para bem. (*Rom. VIII. 28*) Aquelles que amam a Deus, vivem sempre satisfeitos, porque todo o seu prazer é cumprir a divina vontade, mesmo nas cousas que lhe são desagradaveis tanto que as inquietações se mudam em deleites, pelo pensamento de que, acceitando-as voluntariamente, agradam a seu amado Senhor. « Tudo quanto acontecer ao homem justo, o não entristecerá. » (*Prov. XII. 21.*) E com effeito, que maior felicidade póde o homem expe-

rimentar, do que o cumprimento de seus desejos? Então, quando se deseja o que Deus quer, tem cada um tudo quanto deseja, pois que (*excepto o peccado*) tudo quanto succeder no mundo é pela vontade de Deus. Conta-se nas vidas dos padres, que certo lavrador colhia sempre maior quantidade de fructos do que os seus vizinhos, e perguntando-se-lhe o motivo, respondeu: — que se não admirassem porque as estações andavam sempre a seu arbitrio. — Como assim? disseram os outros; — porque, respondeu elle, nunca desejo outro tempo senão aquelle que Deus manda, e como eu quero o que Deus quer, elle tambem me faz a vontade, dando-me uma boa colheita. — As almas resignadas, diz Salviano quando se sentem humilhadas, confessam a sua humilhação; quando são pobres, soffrem voluntariamente a sua pobreza; em uma palavra, resignam-se a tudo quanto lhes acontece, e por isso são sempre felizes durante a vida. Se chega o calor, o frio, ou a chuva, aquelle que se conforma á vontade do senhor, diz: «Eu desejo que haja calor, e frio, ou chuva, porque essa é a vontade de Deus.» Se a pobreza, a perseguição ou doença o affligem, ou a mesma morte, elle dirá: «eu desejo ser pobre, perseguido ou doente, porque esta é a vontade de Deus. E' esta a gloriosa li-

berdade que os filhos de Deus gozam, a qual vale mais do que todos os reinos e principados deste mundo: Esta é a solida paz que os Santos desfructam, que excede a toda a comprehensão. (*Eph. III. 19.*) E todos os prazeres sensuaes, festas, banquetes, honras e mundanas gratificações são vaidade e caducidade, e, emquanto que fascinam e entretem por alguns momentos, affligem o espirito, onde só póde haver a verdadeira felicidade. Aqui exclama Salomão, depois de ter esgotado o gozo das delicias do mundo: Mas isto é tambem vaidade e vexação de espirito (*Ecc. IV. 16.*) O louco, diz o Espirito Santo, muda como a lua, mas o homem justo continúa em seu juiso, assim como o sol. (*Eccl. XXVII. 12.*) O insensato, isto é, o peccador muda como a lua, hoje está no crescente, amanhã no minguate, hoje está alegre, amanhã triste, hoje meigo, amanhã furioso como um tigre; e por que? porque a sua felicidade depende da prosperidade e adversidade, que elle póde encontrar, e então muda conforme as circumstancias. Mas o homem justo é como o sol sempre igual na sua serenidade, sejam os successos quaes forem; porque a sua felicidade está na conformidade com a vontade divina, e por esta conformidade goza uma inalteravel paz. « Paz na terra aos homens

de boa vontade» disse o Anjo aos pastores. (*S. Luc. II. 14.*) E quem são estes homens de boa vontade? São aquelles que estão sempre unidos á divina vontade, a qual é sempre soberanamente boa e perfeita. Tal é a boa, acceita e perfeita vontade de Deus. (*Rom. XII. 2.*) Porque Deus não póde desejar cousa alguma, que não seja a melhor e a mais perfeita.

V.

Os Santos, por sua uniformidade com a vontade divina, gozavam de um Céu sobre a terra.

Os antigos padres, diz Santa Dorothea, conservavam em si uma paz constante, porque recebiam tudo como vindo da mão de Deus. Santa Maria Magdalena de Pazzi ao ouvir sómente as palavras — vontade de Deus —, ficou tão consolada que se extasiou de amor. A diversidade, sem duvida, causa pena e dôr em nossos sentidos, mas isto só tem lugar na parte inferior, porque o espirito, que é a parte superior, deve ser todo tranquillidade e paz, estando a vontade unida á de Deus: «O vosso gozo, disse o Senhor aos seus Apostolos, ninguem vol-o tirará, e será completo.» *João XIV. 22 24.*)

Aquelle que está sempre em uniformidade com a divina vontade, goza de uma paz

inteira e perpetua: inteira, porque elle tem tudo quanto deseja, como acima dissemos: perpetua, porque ninguem o póde privar de tanto prazer, assim como ninguem póde obstar ao que Deus quer.

O padre João Thaulero, segundo o padre Sangiore (*Erar. Tom. III.*), e o padre Nieremberg (*Vita. Div.*), conta de si mesmo, que tendo por muitas vezes pedido a Deus que lhe ensinasse o caminho da vida espiritual, ouviu um dia uma voz que lhe dizia, que fosse a certa igreja, e alli acharia a pessoa que procurava. Elle se dirigiu á dita egreja, e á porta da mesma encontrou um miseravel mendigo, descalço e rôto, a quem saudou, dizendo: « Bons dias, irmão. » O pobre lhe respondeu: « Não me lembro de ter passado um só dia máo, senhor. » O padre replicou « Deus vos dê uma vida feliz »; ao que elle lhe tornou, « Eu nunca fui infeliz, accrescentando: Padre, não foi o acaso que me fez responder-vos que nunca tive um dia máo: porque, se tenho fome, louvo a Deus; quando cahe neve ou chove, eu o bemdigo; se alguém me despreza, me despede ou me afflige, ou se encontro outra qualquer tribulação, dou sempre graças a Deus. Disse-vos que nunca fui infeliz, falei a verdade, pois que me tenho acostumado a conformar-me com a vontade de

Deus, sem reserva; assim, tudo quanto me acontece de bem ou de mal, eu o recebo de suas mãos com alegria, como se fosse a minha melhor sorte, e isto me torna feliz. — E se Deus quizesse, disse Thaulero, a vossa condenção, que havieis de dizer? — Se tal fosse a vontade de Deus, respondeu o pobre, eu com humildade e amor me abraçaria com Nosso Senhor, e me lançaria de tal modo com elle, que quando me quizesse precipitar no inferno, o obrigaria a ir alli coumigo, e me acharia então mais feliz com Elle no abysmo, do que gozando das delicias do Céu sem Elle. — Onde achastes a Deus? perguntou o padre: — Achei-o onde deixei as creaturas. — Quem sois vós? — Eu sou um rei. — Onde é o vosso reino? — Na minha alma, onde conservo a ordem: as minhas paixões obedecem á razão, e a minha razão obedece a Deus. » Por fim Thaulero lhe perguntou o que tinha feito para se adiantar na perfeição. « Guardei silencio, respondeu o mendigo: ser silencioso com os homens em ordem a fallar com Deus; e na união que tenho conservado com a vontade de meu Senhor, tenho achado e acho toda a minha paz, » Tal era, em uma palavra, este pobre homem, pela sua uniformidade com a vontade divina: elle na sua pobreza era seguramente mais rico de

que todos os monarchas da terra, e mais feliz em seus padecimentos, que todos os mundanos no gozo de todos os prazeres. Quão grande é a estupidez daquelle, que resiste á vontade divina! Forçoso é soffrer tribulações, porque ninguem se póde subtrahir ao cumprimento dos divinos decretos. Quem resiste á sua vontade? (*Rom. IX. 19*) E soffrel-as-hão sem fructo, e tambem trarão sobre si maiores castigos na vida futura, e maior anciedade na presente Quem jámais lhe resistiu, e obteve paz? (*Job. IX. 4*) Se o homem enfermo se queixa de suas dôres e enfermidades, se o que é pobre lamenta a sua sorte perante Deus, e se enfurece e blasphema; que lhe resulta senão o augmento de suas afflicções? « Que procuras tu, oh homem, diz Santo Agostinho, quando procuras bens? Procura o unico bem, no qual se encerram todos os bens. » Que procuras tu excepto Deus? Procura-o, e acha-o; une-te e liga-te a Elle, á sua vontade, viverás feliz nesta e na outra vida.

VI.

N'uma palavra, que mais deseje Deus, não seja o nosso bem? Quem acharemos nós, que nos ame mais do que Deus? A sua vontade é não só que ninguem se perca, mas

que todos se façam Santos e sejam salvos : Não querendo que alguém pereça mas que todos se arrependam. (*S. Pedro 2. 9.*) A vontade de Deus é a vossa santificação. (*1. Thess. IV, 3.*) Deus tem collocado a sua propria gloria no nosso bem porque sendo em sua essencia infinita bondade, como diz S. Leão, e a bondade sendo por natureza desejosa de communicar-se, Deus tem o soberano desejo de nos fazer participantes de seus bens e felicidade. E se nos manda as tribulações nesta vida, manda-as todas para o nosso bem : Tudo coopera para bem nosso. (*Rom. VIII. 28.*) Os mesmos castigos, dizia a Santa Judith, não vem para nossa ruina, mas para nossa emenda e salvação. Acreditemos pois, que estes flagellos do Senhor acontecem para nossa emenda, e não para nossa destruição. (*Judith. VIII. 27.*) Nosso Senhor para nos salvar de eternas penas, cerca-nos com a sua bondade : O' Senhor, tu nos tens coroado como com um escudo da tua vontade. (*Ps. V. 13.*) Elle não só deseja, mas sollicita o nosso bem : O Senhor é zeloso em meu beneficio. (*Ps. XXXIX. 18.*) E qual será a cousa, diz *S. Paulo*, que Deus nos negará, Elle que nos deu o seu proprio Filho? Elle que não poupou o seu Unigenito, mas que entregou por nós á morte, não nos deu com

Elle todas as cousas ? *Rom. VIII. 32.*) Com confiança, portanto, devemos resignar-nos aos divinos decretos e determinações, como sendo tudo para nosso bem: Em paz, na mesma paz dormirei e descansarei porque tu, ó Senhor, me tens seguramente inspirado esperança. (*Ps. IV, 9. 10.*) Entregue-mo-nos pois em suas mãos, porque Elle sem duvida terá cuidado de nós: ponde todo o vosso cuidado n'Elle, porque Elle tem cuidado de vós, (*I. S. Pedro V. 7.*) Pensemos pois em Deus e no cumprimento de sua santa vontade, para que Elle pense em nós e no nosso bem. Filha, disse o Senhor á Santa Catharina de Sena, pensa em mim. para que eu pense sempre em ti. Digamos frequentemente com a sagrada Esposa; *Ó meu Amado para mim, e eu para Elle,* (*Cont. II. 16.*) O meu Amado pensa no meu bem, e eu só devo pensar em agradar-Lhe, e unir-me em tudo á sua santa vontade. O santo Abbade Nilo disse, que não devemos rogar a Deus para conseguirmos o que desejamos, mas sim para que em nós se cumpra a sua santa vontade. E quando a adversidade nos persiga, acceitemol-a das mãos de Deus, não só com paciencia, mas com alegria, segundo o exemplo dos Apostolos, que sahiram da presença do conselho, alegrando-se de serem dignos de padecer

opprobrios pelo nome de Jesus Christo. (*Act. V. 41.*) Qual póde ser a maior felicidade da alma, do que saber, quando soffre qualquer tribulação, que soffrendo de boa vontade, se torna sobre tudo agradavel á Deus? Os escriptores sobre a vida espiritual nos dizem que, ainda que Deus se apraz com o desejo que algumas almas tem de soffrer por Elle, e de Lhe agradar, muito mais Lhe é a uniformidade daquelles que nem desejam gozar nem soffrer, mas que inteiramente se resignam á sua santa vontade, desejando sómente cumpril-a. Se desejaes agradar a Deus, e viver feliz no mundo, uni-vos sempre em todas as cousas á vontade divina. Reflecti que todos os vossos peccado, e a amargura de vossa vida passada tem procedido de vos affastardes da vontade de Deus. Abraçae pois daqui em diante a vontade divina, e dizei sempre em qualquer acontecimento: Assim seja, meu Pae, porque assim é agradavel a a tua vista. (*S. Mart. XI. 26*) Quando vos inquieta algum caso adverso, pensae que vos foi mandado por Deus, e dizei immediatamente. Mudo fiquei e não abri a bocca, porque vós o tendes feito (*Ps. XXXVIII. 10.*) « Senhor, pois que vós assim o fizestes, eu nada digo, e o acceito. » A este fim deveis dirigir todos os vossos pensamentos e orações, procurar rogar a Deus na medita-

ção, na communhão, nas visitas ao Santissimo Sacramento. para que vos auxilie a cumprir a sua vontade. E mesmo offercer-vos a Elle, dizendo: « O' meu Deus, eu aqui estou: faça-se em mim, e em tudo quanto me pertence, o que fôr mais do vosso agrado. » Era esta uma constante pratica de Santa Thereza: pelo menos esta Santa se offercia a Deus cincoenta vezes no dia, para que Elle se dignasse dispôr della, como melhor lhe agradasse.

VII.

Feliz de vós amado leitor, se sempre fazeis outro tanto! a santidade será a consequencia, e, tendo passado uma ditosa vida, concluirá com uma não menos ditosa morte. Quando se passa desta para outra vida, a esperanza que os que ficam, concebem da salvação do que foi, procede do conhecimento que haja, de que morrer com resignação. Se abraçamos todas as vicissitudes da vida, como vindas da mão de Deus, e mesmo a morte, com submissão á sua vontade, por certo que morreremos santos, e seremos salvos. Abandonemos-nos pois em tudo á boa vontade d' Aquelle Senhor, que sendo o mais sabio, conhece o que melhor

nos convém: e sendo o mais amante, pois que deu a sua vida por nosso amor, quer também o que é melhor por nós. Fiquemos certos e persuadidos, diz S. Basilio, que Deus procura o nosso bem, sem comparação melhor, do que nós o podemos procurar ou desejar. Mas prosigámos e consideremos em que coisas nos devemos unir com a divina vontade.

1.º Devemos unir-nos a vontade de Deus nas coisas naturaes, como quando faz frio, calor, quando chove, ou em tempo de escassez ou epidemia, e em outros casos iguaes. Devemos abster-nos de dizer: que intoleravel frio, que horroroso calor! que desagradavel estação! ou fazermos uso de algumas expressões que mostrem a nossa repugnancia para com a vontade de Deus. Devemos querer tudo como é, porque Deus de tudo dispõe. S. Francisco de Borja, indo uma noite a um convento da sua ordem, em quanto que nevava muito, bateu á porta muitas vezes; porém os padres que estavam dormindo não lh'a abriram. Quando amanheceu, muitos delles lastimavam tel-o feito esperar tanto fóra de casa; mas o Santo lhes disse « que elle tirára muita consolação durante aquelle tempo, pensando que era Deus quem fazia cahir os flocos de neve sobre elle. »

2.º Devemos unir-nos á divina vontade, quando padecemos fome, sede pobreza, desolação e deshonra. Em todo o caso devemos dizer: « Senhor, tu fazes e desfazes. e eu estou contente, desejando unicamente o que tu queres » E o mesmo devemos dizer, diz Rodrigues, naquelles casos imaginarios suggeridos por Satanaz, na intenção de nos fazer cahir em alguma maldade, ou pelo menos para nos inquietar. Se alguém vos dissesse estas e aquellas palavras, ou vos fizesse estas ou aquellas offensas, que dirieis? que farieis? Devemos responder: « Eu diria e faria o que Deus quizesse » E assim nos livrariamos de toda a falta de inquietação.

3.º Se temos algum defeito natural, ou no nosso espirito ou no nosso corpo, como ter pouca memoria, engenho rude, pouca habilitade, falta de algum membro, saude fraca, não nos lastimemos. Pois que merecimento tinhamos para que Deus nos dêsse uma alma mais sublime, ou um corpo mais bem organizado? Não podia Elle permittir que nascessemos na classe dos brutos? Não podia Elle deixar-nos no nosso nada? Demos graças ao Senhor por tudo que sua bondade nos tem concedido, e por tudo que faz. Quem sabe, se tendo nós tido maiores talentos, uma perfeita saude, um corpo ex-

tremamente bem organizado, nos teríamos perdido! A quantos a sua sciencia e o seu saber tem sido a origem da soberba e do desprezo com que tratam os outros, e por isso causa da sua perdição? Em tal perigo estão outros muitos, que se adiantão nas sciencias e nos talentos. A quantos outros a belleza e suas forças tem sido causa de muitos crimes! E ao contrario quantos por serem pobres, enfermos e disformes na sua figura, se tem salvado, e sido santos? E quantos se fossem ricos, instruidos e de boa presença, se terião perdido e condemnado? Portanto, contentemo-nos com o que Deus nos tem concedido. Não é necessaria a belleza, a saude, nem um engenho agudo, só é necessario o salvar-nos, disse Jesus, Christo.

4.ª Devemos particularmente ser resignados nas enfermidades corporaes, e voluntariamente abraçal-as de maneira e pelo tempo que Deus tenha determinado visitar-nos com ellas. Devemos tomar remedio, para restaurarmos a saude: porque tal é a vontade de Deus: porém, não aproveitando estes, devemos unir-nos á vontade divina, o que nos será de maior vantagem do que a mesma saude; e devemos dizer em occasiões taes: « Senhor, eu não desejo a saude nem a doença, desejo unicamente que a

vossa vontade seja feita. » E' sem duvida grande virtude, não lamentar nossas afflicções, durante o tempo da dôr ou enfermidade; porém, quando estas pesam sobre nós, não nos é vedado descrevê-la a nossos amigos, nem mesmo rogar a Deus que nos livre dellas. Falo daquellas dôres ou enfermidades que atacam severamente, que muitos ha tão insoffridos, que pela mais leve indisposição ou fadiga, pretendem obter a compaixão de todos. O mesmo Jesus Christo, começando a sua Paixão, deu a conhecer a seus discipulos a sua tribulação: « A minha alma está triste até a morte » (*S. Math. XXVII 38.*) E elle rogou ao seu Eterno Pai o livrasse della: « Meu Pae, se é possível, passe de mim este calix. » (*ibid. 39.*) Mas o mesmo Jesus nos ensinou, que o que devemos fazer depois de taes preces, é resignar-nos immediatamente á vontade divina, dizendo: « não como eu quero, mas como vós quereis. »

VIII.

Quão loucos são aquelles que desejam a saude, não só para não soffrerem, mas para mais poderem servir a Deus, observando as regras, assistindo em communidade, indo á Igreja, recebendo a Sagrada Communhão

fazendo penitencias, trabalhando, ouvindo confissões e pregando! Mas, pergunto eu, porque desejaes vós fazer essas coisas? Para agradar a Deus? Para que procuraes vós agradar-Lhe nessas coisas, quando conheceis que lhe não é agradável a pratica de vossas ordinarias devoções, communhões, penitencias, estudos ou sermões; mas sim que supporteis com paciencia as dôres e enfermidades que Elle foi servido mandar-vos? Uní pois vossos padecimentos aos de Jesus Christo. Porém é-me penoso ser inutil e pesado á communidade. Conformae-vos com a vontade de Deus, e persuadi-vos que vossos superiores estão resignados a ella, vendo que servis de peso á communidade, é pela vontade de Deus, e não por preguiça vossa. Vossos desejos e mortificações, não procedem do amor de Deus, mas sim do amor proprio, que procura pretextos para se desviar da vontade divina. Se desejarmos agradar a Deus, quando nos acharmos doentes e de cama; basta repetir estas palavras: « Senhor seja feita a vossa vontade; » por cujas palavras agradaremos mais a Deus, que por todas as devoções e mortificações que nos seja possivel offerecer-lhe. Não ha melhor caminho no serviço de Deus, do que aquelle que nos conduz a abraçar a sua vontade com alegria. O veneravel padre

Avila (*Epist.* 2.) escreveu a um sacerdote que estava enfermo: « Amigo, não vos inquieteis com o bem que poderíeis fazer, se estivesseis bom, mas contentae-vos de continuar doente todo o tempo que Deus quizer. Se procuraes a vontade de Deus, indiferente vos deve ser o estar mal ou de saude. » E certamente assim o podia dizer, porque as nossas obras não glorificam a Deus, mas sim a nossa resignação e conformidade á sua santissima vontade.

Daqui diz tambem S. Francisco de Salles, que Deus é mais bem servido por nossos padecimentos, do que por nossas fadigas.

Em muitas occasiões os medicos, ou os remedios faltam, ou o medico não percebe a molestia. Em tal caso devemos unir-nos á vontade divina, que tudo isto dispõe para nosso maior bem. Conta-se de um devoto de S. Thomaz de Cantuaria (*L. 5. C. 1.*), que estando doente, fôra á sepultura do Santo para recuperar a saude. Melhorou pois, e voltou ao seu paiz; porém então pensou consigo mesmo: se a minha enfermidade fosse vantajosa para a minha salvação, que uso poderei fazer da saude? Neste pensamento, voltou ao sepulchro do Santo, e lhe supplicou que rogasse a Deus para que lhe concedesse o que melhor contribuisse para a sua salvação; depois do que, recahiu

com a mesma doença, e ficou perfeitamente satisfeito, persuadindo-se que Deus o affligia para seu maior bem. Surio relata o mesmo de um cego, que tinha recobrado a vista pela intercessão de S. Vedasto, bispo; mas depois pediu que se a vista lhe não era proveitosa á alma, queria tornar a ser cego; e tendo feito esta supplica, novamente se achou cego como dantes. Portanto, ou estejamos enfermos ou sãos, não devemos pedir, nem a saude, nem a molestia, porém entregarmo-nos inteiramente á divina vontade de Deus, que é quem dispõe de nós como lhe apraz. Mas, se perdirmos a saude, seja ao menos pedida com resignação, e expressa condição de que a saude do corpo não seja prejudicial á salvação da alma, de outro modo nossa supplica seria defeituosa, e não seria ouvida, porque Deus só ouve aquellas rogativas, que são acompanhadas de resignação.

IX.

A enfermidade é a pedra de toque da alma, porque a enfermidade e a doença descobrem o character da virtude que a alma possue. Se uma pessoa se não desasocega, se não se queixa, se não dá inquietação, se obedece ás pessoas, que tratam, e a seus

superiores, e se está perfeitamente tranquilla e resignada á vontade divina, signaes são estes de que possui muita virtude. Mas que diremos daquelle doente, que se queixa e diz: que não é bem tratado? que suas dôres são insupportaveis? que nada o melhora? que seu medico é ignorante? E que mesmo algumas vezes se queixa, de que a mão de Deus peza sobre elle? S. Boaventura relata na vida de S. Francisco (C. 14.), que o Santo achando-se atacado de extraordinarios padecimentos, um dos seus religiosos lhe dissera: « Padre, pedi a Deus que vos trate mais benignamente: porque a sua mão carrega demasiado sobre vós. » Ao ouvir isto replicou S. Francisco em alta voz: « Se eu não soubesse que o que dizeis procede da simplicidade, não vos queriria ver mais, por vos terdes atrevido a reprehender os juizos de Deus. » Dizendo isto, posto que fraco e extenuado pelas dôres e pela molestia, lançou-se fóra da' cama sobre o duro chão, e beijando-o, exclamou: « Mil graças te sejam dadas, ó Senhor, pelo padecimento que me mandaste. Peço-te que m'o mandes maior, se essa fôr a tua divina vontade. Desejo que me afflijas e não me poupes na menor coisa; porque o cumprimento da tua vontade é a maior consolação, que posso receber nesta vida. »

Tem esta conformidade referencia tambem á perda de pessoas, que promovem o nosso bem temporal e espirital. Pessoas assaz devotas são muitas vezes culpaveis neste ponto, não se resignando ás divinas determinações. A nossa santificação deve proceder de Deus, e não de ,nossos espirituaes directores. E' sua vontade que nos aproveitemos delles para guia da alma, quando nol-os dá: porém quando nol-os tira devemos conformar-nos, e augmentar nossa confiança na sua bondade, dizendo: « Tu, ó Senhor, me déste este soccorro, e agora m'o tiraste, bem dita seja para sempre a tua vontade, porque tu mesmo supprirás essa falta, e me ensinarás como te devo servir. » Igualmente devemos acceitar das mãos de Deus, outra qualquer cruz que Elle se digne enviar-nos. Mas tantos padecimentos, direis vós, são castigos. Eu respondo: « Acaso não são os castigos, que Deus nos envia nesta vida, graças e beneficios? Se o temos offendido, é necessario satisfazer á divina justiça de algum modo, ou nesta ou na vida futura. A isto exclamaremos com Santo Agostinho: « Cortai e quemai aqui, ó Senhor, mas poupai-me na outra vida. » E com o Santo Jób: « Seja consolação minha que, affligindo-me com tristeza, Elle me não poupe. » (VI. 10.) Aquelle que tem mere-

cido o inferno, deve consolar-se, quando Deus o castiga neste mundo, porque isto lhe inspirará a esperança, de que Deus o isentará do castigo eterno. Digamos então quando Deus nos pune, o que dizia o summo sacerdote Heli: «E' o Senhor; faça Elle o que fôr justo e agradavel a seus olhos. (*L. dos Réis III. 18.*)

X.

Tambem nos devemos resignar na desolação do espirito. Nosso Senhor, quando uma alma se entrega á vida espiritual costuma soccorrel-a com abundantes consolações mysticas, em ordem a subtrahil-a aos mundanos deleites; porém, vendo-a estabelecida em espirito, retira sua omnipotente mão para obter uma prova do amor, que esta alma lhe dedica, e ver, se ella o servirá sem a recompensa neste mundo de delicias sensiveis. «Em quanto vivermos no mundo, diz Santa Thereza, a nossa vantagem não é tanto em gozar de Deus em si mesmo, como em fazer á sua divina vontade.» E em outra parte, diz: «O amor de Deus não consiste tanto em ternuras espirituaes, como em servil-o com fortaleza e humildade.» E continúa: «Deus experi-

menta aquelles que ama, com seccuras espirituaes e tentações.» Deve pois a alma agradecer ao Senhor, quando Lhe apraz favorecel-a com doçuras espirituaes; mas não affligir-se, nem impacientar-se, quando a entrega a desolação. Devemos especialmente attender a este ponto; porque algumas almas fracas; quando experimentam seccuras espirituaes pensam que Deus as tem abandonado, pelo menos que lhes não é propria a vida espiritual, e por este motivo descuidam-se da oração, e perdem o benefico resultado do que até alli haviam praticado. Não ha melhor occasião para a conformidade com a vontade de Deus, do que o tempo da seccura espiritual. Não digo que não seja sensivel a perda da divina presença: impossivel é que a alma a não siuta, e a não lamente, quando o nosso mesmo Redemptor a sentiu e lamentou sobre a cruz: « Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste? » (*S. Math. XXVII. 46.*) Porém em tão grande afflicção, devemos resignar-nos inteiramente com a vontade de Nosso Senhor. Todos os Santos soffreram seccuras e desolação de espirito. « Que dureza de coração eu experimento? dizia S. Bernardo, ja não gozo na leitura espiritual, nem meditação. » A maior parte dos Santos viveram em seccura espiritual, e sem con-

solações. Estas, o Senhor não as concede senão raras vezes, e talvez aos espiritos mais fracos, para que não parem na carreira espiritual. As delicias da recompensa, nos são preparadas por elle no Céu. Este mundo é o lugar onde as adquirimos pela penitencia; o Céu é o lugar da recompensa. Por consequencia os Santos não se entregavam ao fervor com deleites, mas sim com penitencias. O veneravel João d'Avila, dizia: (*Audi. fil. C. 26.*) « Oh! quão melhor é estar em secura e tentação com a vontade de Deus, do que em contemplação sem ella! »

Mas direis vós: Se eu soubesse que esta ^{de}consolação vinha de Deus, ficaria satisfeito; porém o que me afflige e me perturba é o temor, que proceda das minhas faltas, e que seja um castigo de minha tibieza. Pois bem, lançai fóra essa tibieza, e sêde mais diligente. Mas talvez, porque estaes em trevas, vos achais inquieto, vos descuidais da oração e espiritual exercicio, e assim tornais o mal peor? A secura espiritual pode-vos ter sido mandada como um castigo, como eu tenho dito; mas não vos é ella mandada pelo Altissimo? Aceitai-a pois, como um castigo que tendes merecido, e uni-vos á divina vontade. Não dizeis vós que tendes merecido o inferno? Então

porque vos lamentais agora? Acaso mereceis receber consolações de Deus? Ficae pois satisfeito da maneira, com que ao Senhor apraz o tratar-vos: continuae vossas devoções, e avançae com intrepidez, receiando que para o futuro vossos lamentos procedam de falta de humildade e resignação á vontade de Deus. Quando a alma se entrega á oração, não pode derivar della maior vantagem do que a união com a vontade divina; resignai-vos pois, e dizei: « Senhor, eu acceito esta tribulação da tua mão, e a acceito pelo tempo que tu quizeres: mesmo quando te fosse agradável, que eu permanesse afflicto por toda a eternidade, eu estou satisfeito. E assim, esta oração, ainda que penosa, vos será mais vantajosa do que as mais suaves consolações.

XI.

Mas devemos tambem persuadir-nos, que a seccura espiritual não é sempre um castigo, mas muitas vezes disposição de Deus para nosso maior bem, e tambem para nos conservar humildes. Em ordem a que S. Paulo se não tornasse vaidoso, com as mercês que tinha recebido, permittiu o Senhor que elle fosse molestado com tentações de

impureza : « E para que a grandeza das revelações me não exaltasse, me foi dado e estímulo de minha carne, anjo de Satanaz, para atormentar-me. » (*2 Cor. XII 7.*) Aquelle que ora a Deus com espiritual doçura e deleite, bem pouco faz. « E' um amigo e companheiro á mesa, mas me deixará no dia de afflicção. » (*Eccl. VI. 10.*) Vós não considerais como verdadeiro amigo, aquelle que só vier á vossa mesa, e tomar parte em vossos divertimentos; mas sim aquelle que vos vem valer nos trabalhos, e vos acudir nas tribulações, sem que disso tire vantagem propria. Quando Deus manda a obscuridade e desolação, é para pôr á prova os seus verdadeiros amigos. Palladio, tendo soffrido grande seccura espiritual na oração, foi consultar S. Mauricio, que lhe disse : « Quando o inimigo vos tentar para que deixeis a oração, dizei-lhe: Eu me satisfaço de aqui ficar pelo amor de Jesus Christo, e mesmo só para guardar as paredes desta cella. » 'Tal deve ser a vossa resposta, quando fordes tentado a não continuar na oração, porque vos parece que nisso perdeis tempo. Dizei nessas occasiões : « Aqui estou para agradar a Deus. » S. Francisco de Salles, diz que, « se nós nada mais fazemos quando rezamos, do que affastar distracções e tentações, que rezamos bem. Thaulero tambem diz, que

aquelle que no tempo da secura espiritual perseverar na oração, lhe concederá Deus maiores graças, do que aquelle que orar com sensível devoção. O padre Rodrigues diz, que um certo homem confessava que pelo espaço de quarenta annos não tinha experimentado consolação alguma na oração, mas que naquelles dias em que orava, se sentia mais forte em virtude, porém que senão orava conforme o costume, se sentia possuido de tal fraqueza, que estava inteiramente incapaz de fazer obra alguma bôa. S. Boaventura e Gerson dizem, que muitos, que durante a oração não tem a attenção que desejam, servem mais a Deus do que outros que a conservam; porque esta falta os obriga a serem mais diligentes: pois que, se assim não fosse, se poderiam tornar negligentes e soberbos, na idéa de que haviam achado o que procuravam. E o que temos dito da secura espiritual, podemos tambem dizer das tentações; porém, se Deus permite que sejamos tentados, ainda que devemos trabalhar para evitar as tentações, sejam estas contra a pureza, ou contra qualquer virtude, não devemos lastimar-nos; mas tambem nisto resignar-nos á divina vontade. S. Paulo, quando elle deprecava para ser livre de tentação impura, respondeu o Senhor: « A minha graça te é sufficiente. » (2. Cor.

XII. 9.) E assim, quando Deus nos não concede a mercê de vivermos libertos de tentações que nos molestam, digamos, Senhor faze e permite o que quizeres: a tua graça me é sufficiente; mas dá-me o teu auxilio para que eu não a perca. Não são as tentações, mas o consentir nellas, que nos priva da divina graça. Quando resistimos as tentações, tornamo-nos mais humildes, e adquirimos mais merecimento, que nos induz a recorrer a Deus com mais frequencia, e nós estamos mais longe de o offendermos, unindo-nos mais intimamente a Elle com o seu Santo amor.

XII.

Finalmente devemos unir-nos á vontade de Deus, no que toca á nossa morte, tanto no tempo, como na maneira que Deus tenha determinado que ella nos chegue. Santa Gertrudes (*L. I. Vita. C. 11.*) subindo uma vez a um monte, perdeu o equilibrio e cahiu em um valle. Suas companheiras perguntaram-lhe senão temia morrer sem os sacramentos? Ao que a Santa respondeu: « Eu tenho grande desejo de morrer com os Sacramentos, porém deixo isso á vontade de Deus, porque a melhor disposição para a

morte é voluntariamente submeter-nos ao que Deus tiver determinado; por tanto desejo a morte, que o Senhor fôr servido enviar-me. S. Gregorio relata nos seus dialogos (*L. 3. C. 27.*) que os Vandalos, tendo condemnado a morte um certo sacerdote chamado Santolo, lhe deixaram a escolha do genero de morte. O Santo homem recusou escolher, e disse: «Eu estou nas mãos de Deus, e receberei aquella morte que Elle permittir que vós me deis; não quero outra.» Este acto foi tanto do agrado do Senhor, que aquelles barbaros, tendo resolvido degolal-o, o braço do algoz, quando ia a descarregar o golpe, foi suspendido; e aquelles homens á vista de tão grande milagre, lhe concederam a vida. Por tanto, quanto ao genero de morte, devemos considerar o melhor, aquelle que Deus nos tiver determinado. Digamos sempre, quando pensarmos na morte. — Senhor, salvae a minha alma, e decretae a minha morte como vos aprouver.

Tambem devemos unir-nos com a divina vontade, quanto ao tempo da nossa morte. O que é este mundo, senão uma prisão, na qual soffremos e estamos em continuo risco de perder a Deus? A isto exclamou David: Soltai a minha alma de sua prisão. (*Ps. CXLI. 8.*) Isto fazia Santa Thereza suspirar

pela morte. Quando ella ouvia as horas no relógio alegrava-se, e consolava-se que uma hora de sua vida estava passada; hora de perigo de perder a Deus. O padre Avila dizia, que aquelle que não está em disposição impropria para morrer, deve desejar a morte, pelo perigo de perder a divina graça durante a vida. Que cousa póde ser mais desejavel e mais deleitosa do que assegurarmo-nos por uma santa morte, da impossibilidade de perder o favor e graça de Deus? Mas vós dizeis, que nada tendes feito e adquirido para a vossa alma. Porém se Deus quizesse que vós agora morresseis, que farieis depois se tivésseis vivido contra a vontade de Deus? Quem sabe se terieis aquelle feliz fim que esperaes? Quem sabe se mudarieis vossos costumes, se cahirieis em novas culpas e vos perderieis? E então se nada fizesseis em quanto vivésseis, não vos seria possivel o não commetter culpas, por leves que fossem. « Porque, pois exclama S. Bernardo, porque desejamos nós a vida, a qual quanto mais se prolonga, mais peccaminosa é? E é certo, que um unico peccado venial desagrade mais a Deus, do que lhe agradam todas as obras boas que possamos fazer.

Eu digo mais; « aquelle que pouco deseja o Céu, prova que tem pouco amor de Deus.

Quem ama, deseja a presença do objecto amado; porém nós não podemos ver a Deus, senão deixarmos a terra; e por consequencia os Santos suspiravam pela morte, para poderem ir vêr o seu amado Senhor: » assim exclamava Santo Agostinho: « Oh que possa eu morrer, que possa eu ir ver-te. » Tambem S. Paulo: « Desejava de se ver livre do carcere do corpo e estar com Jesus Christo. » (*Philip. 1. 23*) Igualmente David: « Quando irei e apparecerei diante de Deus? » (*Ps. XLI. 3.*) E assim tambem dizem todas as almas que amam a Deus. Certo auto, refere (*Flores. Emil.*) (*Graul. 4. C. 68.*) que um cavalheiro indo caçar a um bosque, ouviu um homem cantando melodiosamente: parou, e viu um pobre leproso cheio de chagas: perguntou-lhe o caçador, se era elle quem estava cantando? » Sim, respondeu o leproso, era eu. » — « E como podeis vós cantar e estar contente supportando afflicções e dores, que vos vão gradualmente privando da vida? » O leproso respondeu: » Entre mim e o Senhor, nada mais ha que esta muralha de barro que é o meu corpo; removido este obstaculo, eu gozarei o meu Deus, e vendo que todos os dias me vai cahindo a pedaços, alegre-me e canto.

XIII.

Emfim, tambem nos grãos de graças e gloria é preciso uniformarmo-nos com o divino querer: devemos estimar aquellas coisas, que pertencem á gloria de Deus, mas devemos estimar ainda mais a sua divina vontade: devemos desejar amal-o mais que os Seraphins; mas não devemos desejar maior gráo de amor, que não seja aquelle que o Senhor tem determinado conceder-nos. O padre Avila diz (*Audi. filia. C. 22.*) « En creio que os Santos desejariam ser ainda melhores do que foram; porém esses desejos não pertubavam a paz de suas almas, porque elles, se assim o desejavam, não era por motivos de proprio interesse, mas para gloria de Deus, a cujas distribuições se submettiam, ainda que Elle menos lhes dêsse; estimando como perfeito amor o estarem satisfeitos com o que Deus lhes tinha dado, e não appetecendo mais ». Assim Rodriguez o interpreta (*Trat. 8. C. 30.*); que, ainda que devemos ser diligentes em aspirar a perfeição até onde possamos chegar, para não servir de escusa a nossa preguiça e tibieza, como alguns fazem, e dizermos: Deus nos dará isto; eu posso fazer só isto: com tudo quando faltamos

nesta carreira, não devemos perder a nossa paz de espirito, nem a conformidade com a vontade divina, a qual permittiu nossa falta, humilhar-nos e arrepende-nos; e procurando maior adjutorio em Deus, proseguir nossa carreira. Por este modo, ainda que aspiremos a ser exaltados no Céu ao côro dos Seraphins, não por certo para termos maior gloria, mas sim para a dar maior a Deus, e amal-o ainda mais, todavia devemos resignar-nos á sua santa vontade, contentando-nos com aquelle gráo, que a sua misericordia se digne conceder-nos.

Seria pois grande culpa desejar dons de sobrenatural oração. e particularmente extasis e revelações. Os mestres da vida espiritual nos ensinam, quando as almas são favorecidas com taes dons, que deveriam orar para serem privadas delles, para poderem amar a Deus pelo puro caminho da fé, o qual é o mais seguro. Muitos tem chegado á perfeição, sem esses sobrenaturaes favores; a virtude é bastante para elevar a alma á santidade, e principalmente a da uniformidade com a vontade de Deus. E se Deus se não apraz de elevar-nos a um sublime gráo de graça e gloria, devemos conformar-nos á sua santa vontade, pedindo-lhe que ao menos, por sua misericordia, sejainos salvos. Se assim fizermos, a recom-

pensa não será pequena, a qual o nosso bom Senhor derramará sobre nós pela sua bondade, porque Elle ama sobre todos aquelles que se resignam ás suas determinações. Numa palavra, devemos olhar para tudo quanto nos acontecer, como vindo das mãos de Dens. E a este fim se devem dirigir todas as nossas acções. Fazer a vontade de Deus, fazel-a, porque é a sua vontade. E para assim o observarmos mais seguramente, devemos deixar-nos guiar por nossos directores, quanto ao interno, em ordem a conhecermos a vontade de Deus a nosso respeito, tendo grande confiança nestas palavras de Jesus Christo: « Aquelle que vos ouve, a mim ouve. (*S. Luc. X. 16.*) E sobretudo devemos ser cuidadosos de servir a Deus por aquelle caminho que Elle quer que o sirvamos. Digo isto em ordem a evitar a illusão de muitos, que se entretêm com a idéa de que estão perdendo o seu tempo, e dizem: Se eu estivesse em um deserto, se entrasse em um mosteiro, se eu estivesse em outra qualquer parte que não fosse esta, distante de parentes e companheiros, viria a ser Santo; praticaria estas ou aquellas mortificações, e me entregaria todo a oração. Elles dizem, eu faria, eu faria: mas no entanto, supportando involuntariamente a cruz que Deus lhes tem dado, não caminhando pelo

vereda que o Senhor lhes tem mostrado, não só se não tornam Santos, mas fazem-se máos, pessimos. Estes desejos são muitas vezes tentações do Diabo; porque não são conformes com a vontade de Deus; e devemos por isso rejeital-os, e tomar animo para servimos a Deus no caminho que Elle nos tem escolhido. Fazendo assim, viremos a ser Santos, em qualquer estado de vida, em que o Senhor nos tenha collocado. Queiramos pois sempre o que Deus quer, e fazendo assim, Elle nos abraçará em seu seio. Para este fim façamos-nos familiares, com certas passagens da Escriptura, as quaes nos chamam a unir-nos em todo o tempo com a divina vontade: Senhor, que queres tu que eu faça? Dize-me, ó Deus, o que queres de mim, e eu cumprirei a tua vontade em todas as cousas, Eu sou teu, salva-me. (*Ps. XVIII. 94.*) Já não sou de mim mesmo, masteu, ó Senhor, faze de mim o que fôr do teu agrado. Particularmente quando alguma pesada adversidade nos opprime, a morte dos parentes ou amigos, ou a perda de bens ou de reputação, digamos, sim, meu Pai, sim, meu Deus, porque assim vos é agradavel. « Sim, meu Pai e meu Senhor, assim seja feito, porque assim te agrada. » (*Math. XI. 26.*) E sobre tudo seja-nos preciosa aquella oração que Jesus Christo nos ensi-

nou : Seja feita a tua vontade assim na terra como no Céu. Nosso Senhor disse á Santa Catharina de Gênova. « que todas as vezes que recitasse o *Padre Nosso*, se demorasse particularmente n'estas palavras, rogando-lhe que ella pudesse cumprir na terra a sua santissima vontade, com a mesma perfeição com que os Bemaventurados a cumprem no Céu. » Façamos pois outro tanto, e seremos Santos no Céu.



† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com,br>